

ECONOMIA SOLIDÁRIA E BEM-ESTAR: (RE)EXISTÊNCIA DAS MULHERES MARAJOARAS

RURAL FEMALE EMPOWERMENT: WOMEN'S SELF MANAGEMENT IN THE MARAJOARA SOLIDARITY ECONOMY

Eliane Alves Melo¹
Maria Jose de Souza Barbosa²

Área Temática 06: Cooperativismo, Economia Solidária e Gestão de Empreendimentos
Modalidade: Artigo Científico

Resumo

A Economia Solidária surgiu no Brasil no final do século XX, como uma alternativa à lógica capitalista, fundamentando-se na autogestão, cooperação e valorização dos saberes locais. Este estudo, de natureza qualitativa, baseia-se em revisão bibliográfica e documental com o objetivo de analisar teoricamente os conceitos de Economia Solidária, Bem-estar e (Re)existência, articulando-os aos modos de vida das mulheres marajoaras. Tomou-se como referência textos discutidos na disciplina de Tópicos Avançados em Educação, Economia Solidária e Gestão de Empreendimentos Agroalimentares, com destaque para experiências relatadas sobre a Cozinha Coletiva Agroextrativista Iaçá, em Portel, e o Viveiro de Mudas da comunidade Jesus Misericordioso, em Breves. Esses empreendimentos, liderados por mulheres, são compreendidos como espaços de resistência, geração de renda e fortalecimento da autonomia feminina, além de territórios simbólicos e afetivos. Os resultados apontam que a Economia Solidária, quando articulada aos saberes tradicionais e à realidade amazônica, constituem uma prática de cuidado, sustentabilidade e justiça social. As experiências analisadas reforçam o protagonismo político das mulheres marajoaras, que promovem formas coletivas de organização produtiva sustentadas por relações de solidariedade, reciprocidade e respeito à natureza. Conclui-se que, no contexto marajoara, a Economia Solidária é uma estratégia concreta de (Re)existência e Bem Viver, evidenciando alternativas sustentáveis e territorializadas de desenvolvimento, com base na equidade de gênero, valorização cultural e fortalecimento comunitário.

Palavras-Chave: Economia Solidária, Mulheres, Marajó, Bem-estar.

Abstract

Solidarity Economy emerged in Brazil at the end of the 20th century as an alternative to the capitalist logic, based on self-management, cooperation, and the appreciation of local knowledge. This qualitative study is grounded in bibliographic and documentary review and aims to theoretically analyze the concepts of Solidarity Economy, well-being, and (re)existence, linking them to the ways of life of women in the Marajó region. The research draws on texts discussed in the course *Advanced Topics in Education, Solidarity Economy, and Management of Agro-Food Enterprises*, with a focus on documented experiences of the Iaçá Agroextractivist Collective Kitchen in Portel and the Jesus Misericordioso Community Nursery in Breves. These

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural e Gestão de Empreendimentos Agroalimentares – PPDRGEA – IFPA; e-mail: eliane.alves@ifpa.edu.br

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural e Gestão de Empreendimentos Agroalimentares – PPDRGEA -IFPA; e-mail: mjsb.ufpa@gmail.com

women-led enterprises are understood as spaces of resistance, income generation, and the strengthening of female autonomy, as well as symbolic and affective territories. The results show that, when connected to traditional knowledge and the Amazonian reality, the Solidarity Economy becomes a practice of care, sustainability, and social justice. The analyzed experiences highlight the political protagonism of Marajó women, who promote collective forms of productive organization rooted in solidarity, reciprocity, and respect for nature. It is concluded that, in the Marajó context, the Solidarity Economy represents a concrete strategy of (re)existence and *Buen Vivir*, evidencing sustainable and place-based development alternatives grounded in gender equity, cultural appreciation, and community strengthening.

Keywords: Solidarity Economy, Women, Marajó, Well-being.

1. Introdução

A Economia Solidária, em acordo com Singer (2002), emergiu no Brasil, ao final do século XX, como uma proposta alternativa de organização do trabalho e da produção, fundamentada na autogestão, na cooperação e na valorização dos saberes locais e contrapondo-se à lógica capitalista. Tem se constituído no campo acadêmico como um campo interdisciplinar de pesquisa, sendo abordado por distintas áreas do conhecimento, tais como sociologia, administração, psicologia, economia, ciência política, direito, educação, antropologia e serviço social (Silva, 2018). T tamanha diversidade de olhares evidencia a complexidade e a amplitude das práticas de economia solidária no país.

Ao considerar especificidades territoriais, torna-se importante evidenciar como a Economia Solidária se materializa em contextos socioculturais determinados. Nas comunidades ribeirinhas da Amazônia, especialmente, na região do Marajó, os modos de vida se estruturam em íntima relação com rios, florestas e os ciclos naturais. Esses territórios abrigam formas tradicionais de produção, baseadas na agricultura familiar, no extrativismo e na partilha dos recursos naturais (Couto, 2024).

É nesse cenário que emerge experiências protagonizadas por mulheres, que articulam saberes locais, práticas sustentáveis e formas coletivas de organização produtiva. Desse modo, a inserção das mulheres marajoaras em empreendimentos solidários, como a Cozinha Coletiva Agroextrativista Iaçá, no município de Portel e o Viveiro de mudas da PA 159, no município de Breves, exemplificam formas de organização produtiva baseadas na coletividade, no cuidado e na sustentabilidade. Essas experiências desafiam lógicas produtivistas e coloniais ao promoverem práticas de soberania e segurança alimentar, geração de renda e fortalecimento da autoestima feminina. Além disso, fomentam o bem-estar integral e reforçam laços

comunitários, sustentados na relação harmônica com a natureza e na valorização das culturas locais (Couto, 2024; Mendes, 2016).

Nessas dinâmicas, as mulheres desempenham um papel fundamental, seja na produção de alimentos, no cuidado comunitário ou na preservação de saberes ancestrais, como o etnoconhecimento³ das ervas medicinais. Como apontado por Couto (2024), essas práticas vão além da sobrevivência material, pois representam estratégias de (re)existência diante de desafios estruturais e históricos que afetam, sobretudo, mulheres do campo.

É nesse contexto que a Economia Solidária se revela, não apenas como uma estratégia econômica, mas como uma prática sociopolítica de resistência e afirmação identitária. A (re)existência, enquanto conceito, ultrapassa a mera subsistência física, englobando dimensões simbólicas, culturais e políticas da vida das mulheres, que constroem alternativas para viver com dignidade.

Acosta (2016) destaca que o Bem Viver implica o resgate da vida comunitária e dos saberes tradicionais, em oposição ao individualismo promovido pela modernidade capitalista, pois essa categoria resultado da matriz comunitária de povos que coexistem com a natureza, constituindo uma visão de mundo que articula justiça social e justiça ambiental.

Nesse horizonte teórico, torna-se pertinente refletir sobre como essas concepções dialogam com realidades marajoara. Neste sentido, este artigo tem como objetivo revisar a produção acadêmica sobre Economia Solidária, Bem Viver e os conceitos de (Re)existência⁴, buscando estabelecer conexões entre esses referenciais teóricos e os modos de vida das mulheres marajoaras, descritos na literatura. A intenção é construir uma ponte entre os debates já consolidados na área e os contextos socioculturais amazônicos, valorizando as contribuições das mulheres em iniciativas solidárias, comunitárias e sustentáveis.

A revisão bibliográfica reside na necessidade de fortalecer a compreensão como os princípios da Economia Solidária, como autogestão, cooperação e solidariedade dialogam com

³ Etnoconhecimento é o saber tradicional construído por comunidades locais, transmitido oralmente entre gerações e baseado na convivência com o ambiente natural e social, abrangendo práticas como o uso de plantas medicinais, manejo sustentável e saberes culturais, Amorozo (2001).

⁴ Freitas (2017) aborda a re-existência como a forma pela qual as mulheres resistem às opressões do cotidiano, reafirmando suas identidades e experiências. Trata-se de um ato de sobrevivência crítica e criativa diante das normas impostas, revelando a força do feminino em meio às violências estruturais.

práticas tradicionais de subsistência, resistência e reprodução social presentes em comunidades da Amazônia marajoara.

Assim, ao analisar a literatura especializada buscou-se identificar lacunas, potencialidades e interseções entre o pensamento acadêmico e os modos de organização das mulheres ribeirinhas e agroextrativistas, contribuindo para ampliar o olhar sobre experiências que desafiam o modelo econômico hegemônico e promovem formas alternativas de bem-estar e autonomia.

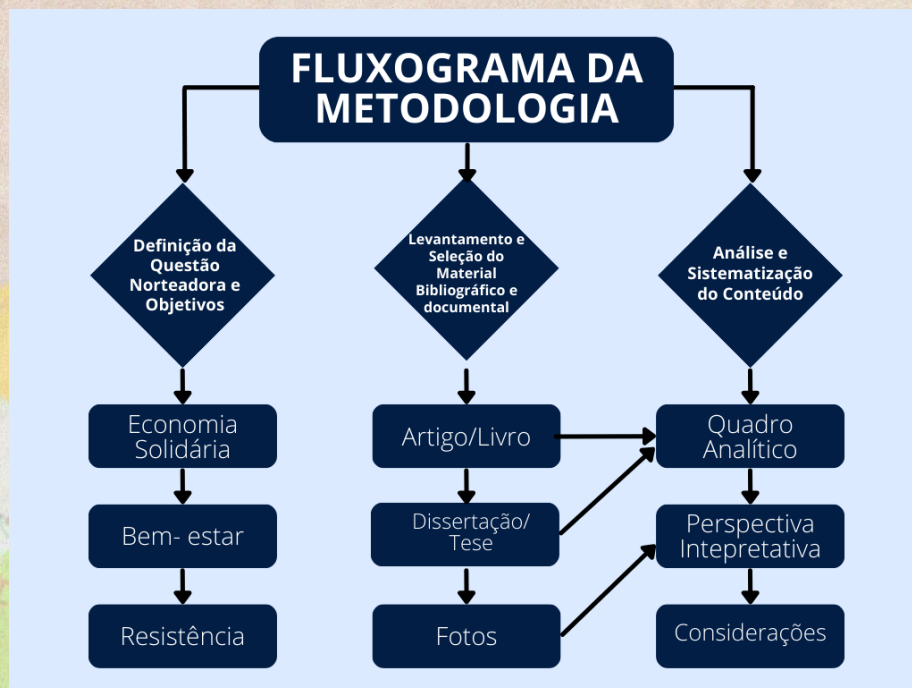
2. Metodologia

O procedimento metodológico referente à revisão bibliográfica, sob abordagem de natureza qualitativa, com o objetivo de analisar e articular, teoricamente, os conceitos de Economia Solidária, bem-estar e (re)existência, a fim de explicar as conexões destas categorias imanentes aos modos de vida das mulheres marajoaras.

Assim, propõe-se realizar uma sistematização com base em interpretação crítica sobre a temática, permitindo uma compreensão aprofundada e fundamentada em diferentes aportes teóricos, especialmente, àqueles que dialogam com a realidade amazônica e os saberes tradicionais.

Os textos analisados foram escolhidos a partir dos referenciais discutidos na disciplina de Tópicos Avançados em Educação, Economia Solidária e Gestão de Empreendimentos Agroalimentares, do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural e Gestão de Sistema Agroalimentares e da literaturas existentes sobre empreendimentos solidários liderados por mulheres no Marajó. E, a partir da sistematização realizou-se um percurso metodológico estruturado em três etapas, conforme o fluxograma da figura 1.

Figura 1 – Etapas da Revisão Bibliográfica



Fonte: Elaborada pela autora, a partir dos dados de campo, 2025.

Partiu-se da seguinte pergunta: como a literatura acadêmica discute as relações entre Economia Solidária, Bem-estar e (Re)existência, em contextos de comunidades tradicionais, especialmente, no que se refere às práticas e vivências das mulheres marajoaras? Para tal, foram selecionados 12 textos, entre artigos científicos, livros e estudos reconhecidos nas áreas de Economia Solidária, Bem Viver, e, escrito por mulheres pesquisadoras amazônidas.

A seleção foi realizada com base nos seguintes critérios: relevância temática e consistência teórico-metodológica; alinhamento com os eixos centrais da pesquisa; e disponibilidade em bases reconhecidas, como SciELO, Google Scholar, Portal de Periódicos da CAPES, além de acervos universitários e materiais indicados pelos docentes da disciplina. Para a análise documental, foram selecionadas três imagens representativas da visita de campo aos empreendimentos solidários Marajoara.

Os principais descritores utilizados na pesquisa bibliográfica foram: “Economia Solidária”, “Bem-Estar”, “Bem Viver”, “Mulheres Amazônicas”, “Comunidades Tradicionais”, “(Re)existência”, “Marajó” e “Modos de Vida Ribeirinhos”. Para a seleção das imagens, o critério de inclusão adotado foi a representação visual de mulheres em atividade no

campo, evidenciando suas práticas produtivas, como pode ser observado no quadro analítico das principais produções acadêmicas utilizadas para a discursão do estudo.

Quadro 1 – Seleção do Material Bibliográfico

Ano	Título	Categoria do Estudo	Autor (a)
2002	SINGER, Paul. A recente ressurreição da economia solidária no Brasil. Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista.	Entrevista	SINGER, Paul
2003	A economia solidária diante do modo de produção capitalista.	Artigo	GAIGER, Luiz Inácio
2011	Comunidades ribeirinhas amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais.	Livro	FRAXE, Therezinha JP; PEREIRA, Henrique S.; WITKOSKI, Antônio Carlos
2011	Economía solidaria, cooperativismo y descentralización: la gestión social puesta en práctica	Artigo	MONJE-REYES, Pablo
2013	Economia solidária e redes sociais: antigos fenômenos, novas feições	Artigo	DO ROSÁRIO BRAZ <i>et al.</i>
2016	O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos	Livro	ACOSTA, Alberto
2017	Autogestão, economia solidária e organização coletivista de produção associada: em direção ao rigor conceitual.	Artigo	FARIA, José Henrique de
2018	O campo de pesquisa da economia solidaria no Brasil: Abordagens metodológicas e dimensões analíticas.	Artigo	Brasil
2020	Colorindo a mesa”: mulheres, produção e a transformação de alimentos de base ecológica no Marajó, estado do Pará.	Artigo	AMARAL, Waldiléia Rendeiro <i>et al.</i>
2020	O papel da mulher ribeirinha nas relações de produção e comercialização na Agricultura Familiar no município de Breves, Pará.	Artigo	ALVES, Kelly Mercedes <i>et al</i>
2024	Temporeza: Saberes de Mulheres da Comunidade Santo Ezequiel Moreno Portel – PA	Tese	COUTO, Jeovani de Jesus
2024	Independência Financeira, Liberdade, Autoconfiança e Consciência Coletiva: sentidos do empoderamento feminino	Artigo	DA SILVA <i>et al</i>

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados da pesquisa

3. Resultado e Discussões

Para melhor compreensão, os resultados e a discussão estão organizados em tópicos de modo a constituir uma análise global, caracterizada por uma unidade explicativa, tendo em vista às conexões entre as temáticas selecionadas na composição metodológica de uma visão sobre a problemática construída com vistas as leituras e a análise documental dos empreendimentos visitados.

3.1 Economia Solidária e Bem-estar no Brasil e no Marajó

A Economia Solidária tem se constituído como uma alternativa à economia capitalista, pois está enraizada na economia das populações tradicionais, quando se trata dos povos amazônicos, especialmente, em contextos marcados pelo isolamento, falta de acesso às políticas e econômicas voltadas aos territórios rurais, repercutindo em desigualdade social e regional, exclusão e ausência de políticas públicas efetivas.

De acordo com Gaiger (2003), a economia solidária se fundamenta na autogestão, cooperação e solidariedade, promovendo formas organizativas que se contrapõem à lógica capitalista excludente, princípios esses que têm possibilitado a criação de redes produtivas e sociocomunitárias em regiões como o Marajó, onde a presença do Estado é frequentemente limitada.

Conforme destaca Singer (2002), a economia solidária representa uma via concreta de superação da exclusão social, por meio da criação de empreendimentos autogeridos, que colocam o ser humano no centro da atividade econômica, uma concepção que rompe com a lógica dominante de mercado, onde o lucro é o principal objetivo. A economia solidária propõe uma reorganização do trabalho baseada na cooperação, solidariedade e no respeito mútuo, a fim de valorizar as capacidades locais.

Neste sentido, ao ser aplicada ao contexto marajoara, a economia solidária se revela como uma prática de cuidado, resistência e sustentabilidade. Assim, visa-se o diálogo com um campo teórico que reconhece a economia solidária como uma estratégia de emancipação, de bem-estar, direito humano e a (re)existência como prática política, desta forma, ao analisar a realidade das mulheres marajoaras, a partir dessas lentes compreende-se, não apenas as dinâmicas locais, mas a contribuição do debate crítico sobre alternativas de desenvolvimento sustentáveis, equitativos e territorializados (Da Silva, 2024).

Nesse marco analítico torna-se fundamental compreender que as práticas solidárias desenvolvidas pelas mulheres marajoaras não se restringem à esfera produtiva, na medida em que se entrelaçam a concepções ampliadas de bem-estar, como se verifica na proposição do *Bem Viver*, que Acosta (2016) pensa a partir da importância das práticas sociais fundamentadas na cooperação, reciprocidade, solidariedade e complementariedade, princípios imanentes à economia solidária, portanto, uma conexão possível. Tais valores são essenciais, não apenas

para a organização dos empreendimentos solidários, mas também para a construção de novas formas de convivência, impactando diretamente as relações de gênero.

Para Acosta (2016), para transformar a sociedade se requer abordagens feministas que evidenciem conceitos como autonomia, soberania, equidade e interdependência. Nesse sentido, o conceito de bem-estar transcende as dimensões econômicas e materiais, incorporando aspectos subjetivos, relacionais e culturais. Trata-se de compreendê-lo como a possibilidade de os indivíduos exercerem plenamente suas potencialidades humanas em contextos que respeitem sua dignidade e diversidade, ou seja, articulado à noção de liberdade para viver a vida que se valoriza, elemento essencial para refletir sobre as condições de vida das mulheres marajoaras.

Por fim, ao integrar os aportes teóricos de Singer (2002) e Acosta (2016) evidencia-se que os empreendimentos solidários e o bem-viver devem ser compreendidos como núcleos orgânicos de transformação social, particularmente no Marajó, um território marcado por desafios socioambientais históricos, em que as práticas das mulheres amazônidas demonstram força coletiva e criatividade para gerar novas formas de convivência pautadas na justiça, na equidade e na valorização da diversidade.

3.2 Empreendimentos Solidários Liderados por Mulheres no Marajó

A Cozinha Coletiva Agroextrativista Iaçá, no município de Portel, e o Viveiro de Mudas implantado na comunidade Jesus Misericordioso, no município em Breves, como dito anteriormente, representam não apenas espaços de geração de renda, uma vez que se constroem sob a base de valores ancestrais, vivenciado em múltiplas dimensões, inclusive, nos territórios simbólicos e afetivos de reconstrução da autonomia feminina.

Como observa Singer (2002), os empreendimentos solidários assumem um papel central na reconfiguração da cidadania e no fortalecimento do protagonismo popular, especialmente em comunidades tradicionais e rurais. Nessas experiências, evidenciam-se fundamentos essenciais para a consolidação de práticas baseadas na cooperação, autogestão, equidade, solidariedade e sustentabilidade e que se encontram e se encaixam nas contribuições de Acosta (2016, 193), a referenciar os cuidados com a “vida, baseada em cooperação, complementariedade, reciprocidade e solidariedade, colocam-se na ordem do dia. São concepções relevantes para as mulheres e para a sociedade em seu conjunto”.

O Bem Viver, segundo essa perspectiva, é construído no cotidiano das experiências de sujeitos locais, como em “abordagens feministas em que se expliquem e cristalizem os conceitos de autonomia, soberania, dependência, reciprocidade e equidade (Idem).

A concepção de Acosta (2016) em diálogo com Couto (2024), favorece a análise das experiências das mulheres na Amazônia marajoara, as quais estão inseridas em um contexto de intensas interações entre distintas matrizes étnicas e religiosas, com múltiplos valores, saberes e modos de vida, vivenciada em conexão estreita com a biodiversidade da região. Tais elementos constituem sujeitos coletivos que protagonizam lutas por justiça social, trabalho digno, produção sustentável e valorização da vida no campo.

Sob essa concepção, entende-se que o protagonismo político dessas mulheres produz formas singulares de resistência interrelacionadas entre feminismo e natureza, sob práticas engendradas no campo de resistência aos processos de colonização, no interior do movimento ambientalista, especialmente, diante do acirramento dos conflitos socioambientais que afetam profundamente a Amazônia marajoara.

Esse protagonismo, ancorado em práticas sustentáveis e enraizado nos territórios, inscreve-se em uma perspectiva que ultrapassa a resistência pontual, articulando-se a formas mais amplas de produção de vida e transformação social. Nesse sentido, a noção de (re)existência, discutida por Souza Santo (2006) refere-se às formas de resistência e produção de vida que emergem de sujeitos historicamente subalternizados, como as mulheres rurais e amazônidas. A (re)existência se manifesta não apenas como resistência à opressão, mas como reinvenção de práticas, identidades e relações sociais, especialmente quando associada ao fortalecimento de redes solidárias, à valorização de saberes tradicionais e à autonomia socioprodutiva.

No caso da Cozinha Coletiva Agroextrativista Iaçá e do viveiro de mudas da PA 159, observa-se o movimento em que as mulheres assumem a gestão coletiva da produção, definem suas próprias regras de convivência e promovem a inclusão de outras mulheres em situação de vulnerabilidade, constituindo redes de apoio e fortalecimento mútuo.

A proposta de desenvolvimento presente nas ações dessas mulheres está em sinergia com o que Acosta (2016) conceitua como transição civilizatória, ou seja, uma mudança profunda na maneira como as sociedades se relacionam com a natureza, com a economia e com

a política, uma rearticulação de esferas sociais aparentemente separadas, quando se observa do ponto de vistas convencional.

Nesse sentido, os empreendimentos solidários no Marajó, não apenas criam alternativas econômicas, mas manifestam outra racionalidade, que recusa a exploração predatória dos bens naturais e valoriza práticas ancestrais de convivência com a floresta, os rios e a terra.

Ao se tratar de empreendimentos da economia solidária, como argumenta Singer (2002), tornam-se espaços privilegiados de aprendizagem cidadã, pois as mulheres envolvidas, nesses empreendimentos, não apenas produzem alimentos, mas participam ativamente das decisões do grupo, aprendem a negociar com fornecedores e clientes, se apropriam de ferramentas de gestão e passam a ocupar novos espaços na esfera pública.

Nesse processo de construção coletiva de mulheres, vê-se um impacto direto na autoestima, na autonomia e na capacidade de mobilização política, que passam a se reconhecer como sujeitas de direitos e como parte ativa na construção do desenvolvimento local.

Isto nos leva a refletir sobre o pensamento de Acosta (2016) quando enfatiza que qualquer proposta de transformação deve ser acompanhada de uma profunda crítica ao modelo patriarcal e à divisão sexual do trabalho, uma crítica vivenciada na prática, pelas mulheres da Cozinha Iaçá e do viveiro de mudas. Elas enfrentam, não apenas os desafios econômicos, mas o peso das responsabilidades domésticas e familiares, muitas vezes invisibilizadas pela sociedade heteropatriarcal implícitos nas políticas públicas.

A solidariedade entre elas surge como um antídoto à sobrecarga individual, promovendo a partilha das tarefas e a valorização do trabalho reprodutivo, tradicionalmente desvalorizado pela economia convencional. Com isso, as práticas da economia solidária se tornam espaços de construção de novos sentidos para o trabalho e para a vida cotidiana dessas mulheres.

A Cozinha Coletiva Agroextrativista Iaçá, situada na comunidade Santo Ezequiel Moreno representa um exemplo concreto dessa realidade. Mais do que um espaço de geração de renda, se constitui um território simbólico e afetivo, onde se reconstrói a autonomia de mulheres das amazônias múltiplas e diversas.

Essa experiência reforça a ideia de que os empreendimentos solidários reconfiguram o exercício da cidadania e fortalecem o protagonismo popular (Singer, 2002). Assim, entende-se que as experiências de empreendimentos liderados por mulheres possibilitam perceber, às mulheres marajoaras, embora não sejam as únicas, atuam como sujeitos coletivos, protagonistas

de lutas por justiça social, trabalho digno, valorização da vida no campo e produção sustentável (Couto, 2024).

Essas experiências se constituem como uma crítica, de modo prático, vivenciadas cotidianamente por essas mulheres, em processos de solidariedade entre elas e na valorização do trabalho produtivo, tradicionalmente invisibilizado, uma crítica ativa ao patriarcado e à divisão sexual do trabalho.

4. Considerações Finais

A revisão da literatura, portanto, possibilitou se estabelecer conexões entre os referenciais teóricos em cotejamento com os modos de vida descritos e as experiências práticas de mulheres amazônidas, especialmente, na região do Marajó. A partir da análise de experiências documentadas, como a Cozinha Coletiva Agroextrativista Iaçá e o Viveiro de Mudas foi possível identificar como essas práticas dialogam com os fundamentos da economia solidária, da sustentabilidade e das resistências decoloniais.

Por se tratar de uma revisão bibliográfica, não se realizou pesquisa empírica direta com os empreendimentos citados; no entanto, ao integrar e interpretar os estudos existentes, o artigo cumpriu seu objetivo ao evidenciar a potência transformadora das ações coletivas lideradas por mulheres em contextos amazônicos. Esses empreendimentos, conforme apresentados na literatura, representam territórios simbólicos de (re)existência e fortalecimento da cidadania, conectando práticas tradicionais com horizontes de justiça social e ambiental.

E mostram-se relevantes, ao contribuir teoricamente para debates interdisciplinares, sobre alternativas, contraditórias e deletérias, ao desenvolvimento capitalista. Ao destacar a centralidade do protagonismo feminino, da autogestão e da valorização dos saberes locais percebe-se que os conceitos como Bem Viver, economia solidária e feminismos decoloniais, produzem efeitos importantes para a perspectiva crítica e situada, abrindo para se ampliar o protagonismo das mulheres, uma necessidade urgente de reflexões acadêmicas sobre práticas sustentáveis e emancipadoras das mulheres, nos territórios periféricos do Brasil, onde estas experiências são praticamente invisibilizadas.

5. Agradecimentos (opcional)

Ser mulher no Marajó é assumir uma jornada marcada por desafios históricos, desigualdades e resistências diárias. A cada leitura realizada pode-se evidenciar como as mulheres marajoaras, por meio da economia solidária, encontram caminhos de autonomia, cuidado e empoderamento, construindo alternativas reais para as vidas por ausências de oportunidades igualitárias, foto da luta cotidiana das comunidades marajoaras, em especial, das mulheres.

Sinto-se profundamente honrada por poder contribuir cientificamente com do Marajó e fortalecer identidades ímpares que alimentam o compromisso histórico com a justiça social e o desenvolvimento sustentável dessa região.

Agradece-se a todas as mulheres do Marajó que, com sua força, sabedoria e solidariedade, inspiraram este artigo e mostraram caminhos de autonomia e esperança. Por fim, respeita-se às dores, às lutas, dos povos e suas tradições, enquanto base de existências e resistências.

6. Referências Bibliográficas

ACOSTA, Alberto. **O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. São Paulo: Autonomia Libertária, Editora Elefante, 2016.

ALVES, Kelly Mercês; DE MATOS, Cleide Carvalho. **O papel da mulher ribeirinha nas relações de produção e comercialização na agricultura familiar no município de Breves, Pará**. Humanidades & Inovação, v. 7, n. 16, p. 417-432, 2020.

AMARAL, Waldiléia Rendeiro et al. **“Colorindo a mesa”: mulheres, produção e a transformação de alimentos de base ecológica no Marajó, estado do Pará**. Cadernos de Agroecologia, v. 15, n. 2, 2020.

AMOROZO, M. C. M. Use and diversity of medicinal plants in Santo Antonio do Leverger, MT, Brazil. **Acta Botanica Brasilica**, v.16, n.2, p.189–203, 2001.

COUTO, Jeovani de Jesus. **Temporeza: saberes de mulheres da comunidade Santo Ezequiel Moreno Portel-PA**. Tese(Programa de Pós Graduação em Educação) Universidade Estadual do Pará, Belém, 2024, 204f.

DA SILVA, Lana Claudia Macedo; DO VALE, Camila Claíde Souza. **Independência Financeira, Liberdade, Autoconfiança e Consciência Coletiva: sentidos do empoderamento feminino**. Revista Científica Gênero na Amazônia, n. 25, p. 159-173.

DO ROSÁRIO BRAZ, Célia Lucia; CARDOSO, Onésimo Oliveira. **Economia solidária e redes sociais: antigos fenômenos, novas feições**. Revista Organizações em Contexto, v. 9, n. 17, 2013.

FARIA, José Henrique de. **Autogestão, economia solidária e organização coletivista de produção associada: em direção ao rigor conceitual**. Cadernos Ebape. Br, v. 15, n. 3, p. 629-650, 2017.

FRAXE, Therezinha JP; PEREIRA, Henrique S.; WITKOSKI, Antônio Carlos (Ed.). **Comunidades ribeirinhas amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais**. Reggo, 2011.

FREITAS, Angélica. **Um útero é do tamanho de um punho**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

GAIGER, Luiz Inácio. **A economia solidária diante do modo de produção capitalista**. Caderno crh, v. 16, n. 39, 2003.

MONJE-REYES, Pablo. **Economía solidaria, cooperativismo y descentralización: la gestión social puesta en práctica**. Cadernos Ebape. br, v. 9, p. 704-723, 2011.

SILVA, Sandro Pereira. **O campo de pesquisa da economia solidária no Brasil: abordagens metodológicas e dimensões analíticas.** Texto para Discussão, 2018.

SINGER, Paul. **A recente ressurreição da economia solidária no Brasil.** Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 2, 2002.

